

ENTÃO E AGORA NA CONVERSA INFORMAL

Sandra Bernardo (UERJ e PUC-Rio)

INTRODUÇÃO

Apresento, neste artigo, ocorrências em que as formas *então* e *agora* figuram como introdutores de espaço mental *foco e/ou ponto de vista* em uma conversa informal (BERNARDO 2002). Essa análise foi proposta com base na teoria dos *espaços mentais* (FAUCONNIER, 1994, 1997; Fauconnier & Sweetser, 1996; Doiz-Bienzobas, 1995; Cutrer, 1994; Dinsmore, 1991), nos postulados de Clark (1996), nas hipóteses de Tomasello (1999) acerca da origem cultural da cognição humana, além dos estudos de Lakoff (1987), Johnson & Lakoff (1999) e Langacker (1987, 1991), entre outros, pressupostos da Linguística Cognitiva.

A conversa, da qual foram extraídos os trechos em estudo, foi gravada durante um jantar, em 1988, com a participação de cinco pessoas, a saber: Wilton (27 anos; carioca), Bebete (31 anos; piauiense), Luana (7 anos; carioca), Isalmir (30 anos; carioca) e Célia (23 anos; carioca), responsável pela gravação⁴. Célia e Isalmir são irmãos, este é casado com Bebete e é pai de Luana. Wilton é noivo de Célia. Os falantes estão referenciados pelas iniciais de seus nomes na transcrição e no texto deste artigo.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Os estudos de base sócio-cognitiva congregam uma busca de descrições que abarquem aspectos sociais e cognitivos envolvidos nos fenômenos lingüísticos. Tal arcabouço se alinha com o realismo experiencial de Putnam (1992), para quem a linguagem não é uma representação objetiva da realidade, mas da forma como os seres humanos a percebem e a experienciam. Dentro dessa visão internalista de realidade, o significado lingüístico é incorporado, personificado; surge a partir da capacidade biológica e das experiências físicas e sócio-culturais captadas do meio ambiente. Assim, conceitos

⁴ Todos os participantes sabiam que estavam sendo gravados, contudo, para evitar constrangimentos, o gravador foi colocado em uma das cadeiras da mesa de jantar.

podem ser metafórica e socialmente estruturados, já que o significado social se desenvolve internamente a partir de modelos e processos cognitivos particulares dos seres humanos.

Conceituado como centro da conceptualização ou conscientização de um *self* a quem um enunciado é atribuído, o ponto de vista (PV) é um primitivo teórico discursivo que pode ser composto por uma gama de dimensões dêiticas, visíveis ou não lingüisticamente. Essas dimensões podem apresentar uma natureza pessoal (eu *vs.* você *vs.* outras pessoas / outros objetos), temporal, espacial, *realis/irrealis*, distância emocional ou empatia, distância social, psicológica ou cognitiva. Pode ainda ser composto por uma única dimensão: temporal ou espacial, ou um subconjunto de dimensões mais abstratas.

As nuances de PV, evidenciadas pelas marcas que as sinalizam, aparecem ligadas a espaços-foco, construtos de contextualização da sentença em que se concentra a atenção do falante. O *foco* pode ser caracterizado como: (i) o espaço mais ativo; (ii) aquele que deixa algumas pistas consistentes para sua identificação nas sentenças; e (iii) o espaço no qual a sentença de um discurso se torna *comunicativamente funcional* (DINSMORE, 1991: 125). Tais fatores, de natureza pragmática e gramatical, auxiliam na identificação do *foco*.

O grau de ativação de um espaço depende da recentidade e da frequência com que é usado durante o processamento do discurso mais recente ou de outros processos cognitivos. Os espaços tornam-se mais ativos à medida que são criados e/ou referenciados durante a distribuição das informações de *input*. Espera-se que um espaço, representante da situação de fala corrente, mantenha sempre certo grau de ativação. Funções pragmáticas desempenhadas por papéis em metonímias podem ser consideradas relações associativas que propiciam a passagem da ativação de um conceito, identificado em determinado estágio de processamento como um provável candidato à projeção, a outro; por isso, consubstanciam processos de ativação semelhantes aos envolvidos na contextualização.

As pistas gramaticais (*space cues*, nos termos de Dinsmore, 1991: 126) que orientam a identificação do *foco* podem ser expressas através de morfemas flexionais e estruturas sintáticas que restringem

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

explicitamente o conjunto de espaços dentro dos quais a sentença pode ser projetada. Expressões como *era uma vez* são exemplos de pistas que guiam a construção / identificação do *foco*. Assim, a oração *O homem de ferro pode dar a volta ao mundo em menos de um minuto* será contextualizada dentro de um espaço de ficção, pois só nesse espaço um *homem de ferro* pode ser representado. Fora de um contexto ficcional, a sentença não seria completamente interpretável, tampouco em um espaço de crença encaixado em um espaço de realidade.

Logo, durante a produção e compreensão de um discurso, certas regiões de redes associadas são ativadas, constituindo representações de conceitos recentemente acessados ou estritamente relacionados a esses conceitos. Essas regiões formam *focos de atenção* que distinguem referentes prováveis de improváveis.

O espaço da realidade é representado no espaço-base. Espaço original ou inicial em qualquer organização hierárquica de espaços, a *base* representa um enquadre temporal que contém uma conceptualização inicial do PV a partir do qual eventos ou estados serão relacionados, avaliados, medidos e/ou construídos. Esse PV inicial serve como centro de referência do qual relações tipicamente dêiticas são calculadas. A *base* ocupa sempre a posição mais alta na rede de espaços de uma determinada configuração; dessa forma, é por definição, a realidade do falante.

Nos trechos analisados aqui, a *base comum* compreende todo conhecimento de mundo dos falantes, suas crenças, opiniões, inferências, bem como seus diários pessoais. Assim, a conversa é “uma ação conjunta, conduzida por um grupo de pessoas atuando em coordenação umas com as outras, na qual a linguagem convencional desempenha um papel proeminente” (CLARK 1996: *passim*). Os usuários da língua devem ser vistos simultaneamente como falantes e ouvintes que atuam em um contexto (uma arena), construído dinamicamente durante a interação (MARMARIDOU, 2000 *passim*).

A efetivação dos processos de sinalização e reconhecimento em atos comunicativos durante uma atividade conjunta, depende de o falante criar construções conjuntas do que acredita estar significando; logo, essas construções não representam o que o falante significa de *per se* — que pode ser transformado em muitos processos de co-

DEPARTAMENTO DE LETRAS

municação —, mas o que os participantes tomam mutuamente como o que o falante está significando (p. 212) .

Os pares adjacentes (SCHEGLOFF & SACKS, 1973), noção revista por Clark (p. 195ss.), são projetos mínimos através dos quais falante e ouvinte enfrentam a construção de um problema conjunto, resolvendo-o, de uma só vez, numa permuta constituída de duas partes, *ação-resposta*, porque, segundo o autor, conversações não são seqüências de ações individuais, mas de ações emparelhadas (*paired actions*) .

Esses projetos mínimos, com vistas a um projeto conjunto, só podem ser desenvolvidos com sucesso, quando se busca um terreno comum para execução de um objetivo conjunto, ou seja, quando se estabelece um terreno comum como parte da base comum suficiente para o propósito do momento Clark (p. 221) . Tal denominador⁵ comum (*grounding*) deve ocorrer em todos os níveis da comunicação, porque “o discurso consiste em duas pistas paralelas de ação” (p. 241): a primeira sobre a interação / negociação em curso; a segunda sobre o ato comunicativo.

SOBRE AGORA E ENTÃO

Com base no conceito de tópico, a conversa foi segmentada em três partes maiores, denominadas macroepisódios, as quais foram, por sua vez, divididas em episódios e estes, em eventos⁶. Cada uma dessas etapas foi analisada segundo sua estrutura argumentativa. Além da divisão do *corpus* com base no assunto abordado pelos fa-

⁵ Termo cunhado por Janete Sander Costa ao resenhar *Using language* em D.E.L.T.A., 17:2, 2001 (343-352) .

⁶ Trabalhei com a formulação de Gorski (1993, 1994) para os conceitos de tópico, episódio e evento. Segundo a autora (1993: 32), “tópico corresponde ao participante de um evento ou situação codificado morfosintaticamente, no plano seqüencial, como elemento sobre o qual se fala, ou como *ponto de referência* do enunciado. Esse tópico é visto numa estrutura linearizada, sendo explicitamente mencionado e podendo ser codificado com diferentes graus de proeminência”. Episódio é definido como uma “unidade semântico-discursiva, constitutiva do texto narrativo, que consiste em um conjunto de eventos relacionados e governados por um tópico central”; e evento como uma “unidade semântico-discursiva, constitutiva do episódio, que corresponde a um centro de interesse [nos termos de Chafe, 1980] que contém ações/estados com graus variáveis de integração, governados por um subtópico global” (1994: 69-70) .

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

lantes, os turnos foram segmentados em unidades de idéia, conceito postulado por Chafe (1987, 1988), revisitado em Bernardo (1995)⁷.

A partir da assunção basilar da Linguística Cognitiva de que os conceitos abstratos são formulados por metáforas, venho considerando o discurso conversacional metaforicamente conceptualizado como um objeto constituído de partes, etapas pelas quais os falantes precisam passar a fim de atingir seus objetivos comunicativos. Subjaz a esta formulação a hipótese de que a mente é corporificada, ou seja, os conceitos resultam das experiências sensoriais vivenciadas no espaço, originariamente; no tempo, como espaço percorrido ou ocupado; e no discurso.

Assim, os falantes concebem conceitos interpretados metaforicamente como um objeto dentro do seu campo visual, daí o papel das formas *então* e *agora* como sinalizadores das etapas percorridas nesse espaço conceitualmente construído e representado num espaço mental *foco e/ou ponto de vista*. A diferença entre essas formas reside no fato de o *então* marcar etapas iniciais e/ou finais dos episódios conversacionais, e de o *agora* marcar etapas dentro da formulação de argumentos, por vezes realçando contradições, a fim de enfatizar um argumento, ou seja, ser empregado como estratégia retórica.

O papel desempenhado pelo *então* pode estar relacionado ao seu valor de conectivo conclusivo ou condicional, o que diminuiria seu escopo em relação ao *agora*, que, devido ao seu valor prototípico temporal, alcançaria um escopo maior, relacionando fatias maiores do discurso. Logo, a trajetória de uso das duas formas começa seme-

⁷ Foram usados na transcrição os seguintes símbolos:

/.../ – transcrição parcial;

[[– falas simultâneas;

[– sobreposição de vozes;

... ou (+) – pausas;

() – falta de clareza na audição;

- trechos descartados, palavras inconclusas e truncamentos bruscos;

LETRA MAIÚSCULA – ênfase ou acento forte;

:: – alongamento de vogal ou consoante;

(O) – comentários do analista;

// – entonação interrogativa;

/ – entonação semi-exclamativa;

\ – entonação descendente.

lhante, todavia cada uma se especializará em papéis diferenciados no que tange ao seu uso no discurso conversacional argumentativo⁸.

Foco, ponto de vista e então

Em Bernardo (2002), aventei inicialmente a hipótese de que o **então** guia a abertura de espaço mental *foco*, devido à sua frequência em unidades de idéia que introduzem informações novas no discurso. Como o espaço-foco é aquele em que se concentra a atenção do falante, o **então** sinalizaria ao interlocutor o início de um novo (sub) tópico na conversa. Contudo, como não houve ocorrência de **então** introdutor de etapas no primeiro macroepisódio *Família comilona*⁹, cujo tópico geral exige menos elaboração estrutural, percebi que essa forma também está ligada à complexidade do caráter argumentativo do discurso, conforme os trechos abaixo:

Excerto (a)

I= 696 óh... a Grécia... /.../ na Grécia... na: a Grécia Antiga... né// a Grécia Antiga...
697 naquela época não tinha televisão...
698 não tinha rádio...
699 não tinha nada...
700 **então** o orador ia pra lá pra tribuna e...
701 aí juntava aquele monte de... né/ a polis... não/
702 os cidadãos...
[W= 703 é os cidadãos não...]
os cidadão da Polis tão lá...
704 aí o cara chegava aí... **então** é isso é isso é isso é isso...
705 o Alexandre tá lá na Macedônia...
706 ele... vai invadir isso aqui... não sei o quê... e pá...pá...pá...
tere...te...te... porogudum... certo//
707 quer dizer... ele usava um idioma- a linguagem para uma não
dominação... né//
708 não tinha rádio nem televisão...
709 hoje em dia os tentáculo do sistema... capitalista tão muito grande...
710 inclui a linguagem... a linguagem é-

⁸ Cabe ressaltar que há usos intermediários em relação às funções desempenhadas por tais formas em estudo na fase atual da pesquisa.

⁹ Nesse macroepisódio, os falantes conversam sobre o apetite exagerado de algumas pessoas da família de C e I. O esquema de discurso argumentativo consiste na exposição de uma opinião e de argumentos na forma de pequenas narrativas que confirmam a posição apresentada.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Em (a), após a contextualização em termos de tempo e de lugar da situação reportada como evidência (unidades 696 a 699), o falante I inicia, em 700, a etapa do relato da situação, sinalizando-a com o *então*, que apresenta também um caráter conclusivo. Como se trata da contextualização do evento, o ponto de vista está circunscrito localmente a esta etapa discursiva, portanto não adquire uma força argumentativa de apresentação de uma conclusão polêmica, desafiadora ou original.

Na UI 704, o *então* introduz um suposto trecho de discurso de um político grego, figurando, assim, em outra etapa de contextualização dentro do evento, ainda relacionada à elaboração da tese. Todavia, nesta ocorrência, verifica-se também a presença do traço conclusivo, porque o personagem dramatizado estaria apresentando sua visão da situação política.

Excerto (b)

W= 783 olha só... minha pergunta é por causa do Nordeste...

784 é um pessoal que está comen- que está acostumado... rapaz... na época da fome...

I= 785 sopa de pedra (inint.)

[W= 786 é sopa de pedra mesmo...

787 ou *então* água com farinha... bolinha de água com farinha...

788 que isso alimenta/

789 *então* ele só pensa numa coisa... em querer comer...

790 matar a fome que ele tem...

791 *então* quando o sujeito começa a falar que vai dar comida...

792 que ele vai se alimentar...

793 que ele vai viver...

794 vai:... nunca vai passar fome... /.../

W= 796 ele vai atingir isso-

Em (b), as unidades 789 e 791 figuram na parte final do evento em que os falantes criticam o discurso pouco transformador dos acadêmicos — estudiosos de versos alexandrinos enquanto o povo do Nordeste passa fome. Além de introdutor de etapas, o *então* também assinala uma conclusão em relação ao que foi expresso antes.

Na UI 787, verifica-se outra função dessa forma: dado o co-texto com o conectivo *ou*, o *então* reforça a opção em termos de alimentação para o povo nordestino, isto é, reforça a alternância expressa pelo conectivo. Todavia o caráter conclusivo também está presente, embora atenuado pela alternância. Assim, o escopo do *então* abrange, no máximo, a extensão do que foi abordado no evento,

sendo o da UI 787 mais restrito em relação aos das unidades 789 e 791. O ponto de vista relaciona-se localmente ao que foi discutido no evento.

Excerto (c-1)

I= 417 cê- óh... você veja bem...
418 existe é...é...é cinco idioma...
419 que os cinco principais idioma...né...
420 que é falado no mundo todo...
421 **então** você pega o primeiro...
422 me parece... não sei... se é chinês ou russo...
423 acho que é o chinês... né/ o primeiro... né/
424 tem a maior quantidade de...de pessoas... é o chinês...
425 acho que o segundo é o inglês...
426 terceiro é o:: sei lá/
427 eu acho que o português é o quinto...
428 eu sei... eu tenho certeza que o português é o quinto (+ 1.5 s.)
W= 429 hum::

Excerto (c-2)

I= 430 **então** é o seguinte... u:: é:: você... você observa o seguinte...
431 que determinadas- é...é tipos de: comunicação...
432 quer dizer... eu acho que o português é muito usado/
433 quer dizer... existe um: um: teor de dominação sobre a língua...
434 a língua ela participa para que haja uma classe dominante...
435 ou seja... eu acho que a classe dominante tem uma linguagem... entendeu//

No excerto (c-1), observa-se o evento *Introdução*, início do episódio *Função ideológica da língua*¹⁰, durante o qual o participante I tenta postular uma posição sobre o número de falantes de português em relação ao de outras línguas. Pode-se considerar o subtópico de (c-1) um tópico de transição, já que, no macroepisódio anterior, os falantes discutiram acerca de uma língua ser rica ou não em razão do número de verbetes de seu dicionário, daí as alegações de caráter quantitativo. O conteúdo dessa passagem da conversa está ancorado em um denominador comum (*grounding*), partilhado pelos interlocutores, de que existe uma classificação para as línguas mais faladas no mundo, a partir da qual produzem inferências.

Tais falas apresentam um caráter introdutório, porque o tópico desenvolvido no episódio versará sobre a forma como a língua é usada para defender ideologias, como se percebe a partir da UI 430,

¹⁰ Primeiro dos quatro episódios que compõem o macroepisódio *Uso da língua*.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

excerto (c-2), início do evento *A língua como instrumento de dominação*.

Em (c-2), o falante I tenta defender a tese de que a língua pode ser usada como instrumento de dominação; porém, devido às dificuldades de organização discursiva, no sentido de verbalizar sua opinião de forma clara, e ao cuidado na exposição de seu ponto de vista, observam-se dificuldades na produção do discurso. Essa dificuldade pode ser aferida pelo modo como o falante demora a expressar objetivamente sua posição e pelo emprego de formas com função modalizadora — *quer dizer, eu acho* —, hesitações, pausas mais longas e verbos que expressam baixa assertividade — *a língua ela participa para que haja uma classe dominante*.

Nesse excerto, é possível perceber o escopo local do *então*, porque o falante vai construindo aos poucos a tese do episódio/evento, daí ter postulado a função do *então* predominantemente como sinalizador de etapas (BERNARDO, 2002) ; logo, introdutor de espaço-foco. Tanto em 421 quanto em 430 essa forma assinala uma nova etapa informacional ligada ao conteúdo da etapa imediatamente anterior ao discurso.

Logo, o essa forma desempenha um duplo papel: apontar o início de uma nova fatia do discurso e ligá-la ao discurso precedente, como se as informações a serem verbalizadas consubstanciassem uma espécie de conclusão quanto ao que foi dito antes, papel relacionado à sua função de conectivo local. O escopo local do *então* afeta também o ponto de vista que carrega, relacionado predominantemente à reafirmação da tese ou posição, daí seu emprego em fronteira de etapa, ligando conteúdos já desenvolvidos a tópicos novos ou inferíveis. O excerto (d), abaixo, é revelador quanto a esse aspecto, pois o *então* aparece no início e no final do evento.

Excerto (d)

I= 465 **então** eles usam a comunicação... a...a...a linguagem-

466 eles usam a linguagem...

467 mas não como sintoma di:-

468 sintoma não... tô falando falando besteira...

469 a linguagem não é uSAda... de maneira revolucionária ou transformadora... ((som de

alguém engasgando-se))

470 **agora** eu achei a palavra certa...

DEPARTAMENTO DE LETRAS

471 a linguagem não é usada pra maneira de transformação social...

/.../

W= 510 mas eles são doutrinados de tal forma que não deixa ele falar

[I= é isso que eu tava falando... a respeito de falar sobre comunicação...

511 quer dizer... a comunicação é muito importante...

512 o Chacrinha na hora que ele vai joga abacaxi...

513 pô... não sei... o quê/ mamãe/

514 ele faz uma...uma...uma revolução na linguagem...

515 ele erra o português...

516 ele fala... pinta os canecos... né//

517 e ele é famoso até por causa disso...

W= 518 até por jogar bacalhau...

((risos))

I= 519 **então**... é isso/

((risos))

Nesse trecho, o falante assinala, em 465, uma espécie de conclusão do que foi desenvolvido anteriormente, acerca de a língua não ser usada como instrumento de dominação; entretanto, ao mesmo tempo, tenta verbalizar a posição a ser defendida no evento que se inicia sobre o potencial transformador das palavras. Após a unidade 471, em que formula sua tese, o falante apresenta evidências negativas sobre a rede Globo, que vetaria uma linguagem mais transformadora, muitas vezes impedindo o uso de certas palavras vistas como tabu pelo falante. Na finalização do evento, a partir da unidade 510, Chacrinha é citado como exemplo positivo de uso da linguagem revolucionária em oposição ao que foi criticado antes.

Foco, ponto de vista e agora

O **agora** orienta a ativação de um espaço-ponto de vista, porque marca pragmaticamente a atitude do falante em relação ao seu discurso através de comentários metadiscursivos ou da veemência que confere aos argumentos introduzidos por essa forma, figurando como uma espécie de estratégia retórica. Assim, foi possível observar o papel de introdutor espaço-foco, quando o **agora** marca etapas discursivas, como uma extensão de seu valor prototípico de advérbio de tempo, e o papel de sinalizador de inserção de *ponto de vista*.

Excerto (e)

I= 545 **agora** você dificilmente você vê... um: um: líder-

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

546 “não estourou uma greve no ABC paulista deixa o líder falar”...

547 aí a Rede Globo... a Manchete... a Bandeirante chega lá...

548 “fala aí o que que tu acha da greve”//

549 aí o cara começou a falar eles tiram o microfone...

550 tum... acabou... vem o comercial... ((risos de W)) pra quê//

Em (e), o falante inicia um evento em que trata da censura ao discurso dos líderes sindicais, estabelecendo uma oposição em relação à ausência de censura ao discurso dos pagodeiros, tópico do evento anterior. A diferença em relação ao papel do *então* é que aqui não há uma tentativa de costurar esse argumento em relação ao anterior, ou seja, a forma como o (sub) tópico é introduzido é mais abrupta, mais inesperada, daí a veemência conferida ao argumento que se inicia enfatizando a diferença em relação aos tipos de discurso analisados pelos falantes.

O escopo de atuação do **agora** refere-se a toda etapa de formulação dos argumentos, extrapolando o processamento local intra-evento ou entre eventos do *então*. Tal emprego estaria relacionado ao valor prototípico de advérbio de tempo do **agora**, cuja função sinalizadora de etapas se encontra mais marcada do que no *então*, um operador lógico em termos prototípicos.

Excerto (f)

I= 597 **agora** o senhor Fidel entra na ilha com dezoito pessoas... cara...

598 você imagina cara...

599 um homem entra dentro de uma ilha com quatro cinco seis milhões... não sei...

cum cum dezoito homens só...

600 e ele faz a revolução NESSE país...

Em (f), o **agora** aparece na abertura de outro evento, introduzindo uma nova fatia do discurso¹¹; entretanto, tal evento não envolve oposição em relação ao anterior, já que os discursos de Brizola e de Fidel Castro são considerados pelos falantes exemplos de uso da linguagem para transformação social. Embora o caráter de introdutor de posição contrária não se mantenha em comparação ao trecho (e), a estratégia retórica de iniciar de forma inesperada um argumento também está presente, preservando a veemência e o escopo dessa forma.

¹¹ No evento anterior, os falantes analisam o discurso de Brizola como exemplo de linguagem que leva à transformação social.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

Excerto (g)

- I= 743 o Lula é um líder por quê//
744 porque ele ia lá pu pu pu pu estádio lá de São Bernardo...
745 lá naquele... que ia o pessoal todo... (na) assembléia dos
metalúrgicos...
746 ele se tornou líder por quê//
747 porque ele ficava calado lá em cima//
748 porque ele pegava o microfone... cara e no coloquial errava pra
burro...
W= 749 mas comunicava aquilo que eles queriam escutar
[I= 750 EXA-... ah:: *agora* tu falou muito...
751 ele comunicava atropçando no português de
montão...
752 mas ele
[W= 753 mas-]
chamava com a linguagem de quê/ de não
dominação...
754 *agora* (inint.) “meus amigos nós vamos pra
greve...
755 nós vamos pra transformação social”...

Em (g), é apresentada uma parte de um evento em que os falantes I e W expõem suas posições sobre a linguagem de Lula, considerada transformadora. O *agora* da unidade 754, à semelhança de 597, não introduz um conteúdo de oposição em relação ao que foi discutido antes, mas também confere um caráter de reforço ao comentário apresentado, pois é empregado para iniciar um trecho de discurso direto que demonstra uma suposta fala de Lula. Essa estratégia retórica reforça o argumento apresentado chamando a atenção do interlocutor para o mesmo.

Portanto, nas três passagens, o *agora* abre um espaço mental *foco e ponto de vista*, porque introduz novas informações, que, por sua vez, envolvem novos *selves* ou novos posicionamentos dos interlocutores no discurso, intensificando o argumento introduzido. A comparação entre atitudes de referentes distintos com vistas à ênfase dos argumentos também diferencia o emprego dessa forma em comparação ao do **então**.

Nas unidades 470 (d) e 750 (g), a forma *agora* é usada como advérbio de tempo que marca pragmaticamente a atitude do falante em relação ao seu próprio discurso ou ao do interlocutor. Essas passagens reforçam o postulado de Clark (1996, p. 221) sobre a construção conjunta do discurso através de projetos mínimos realizados com

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

base num denominador comum (*grounding*) pelos falantes, já que revelam a ação conjunta em relação a duas pistas paralelas: a primeira sobre a interação/negociação em curso; a segunda sobre o ato comunicativo.

Assim, poder-se-ia considerar a existência de domínios paralelos: o da tese, voltado para a conceptualização do discurso; e o da realidade, voltado para a circunscrição do discurso, que estariam mesclados em um domínio da realidade, isto é, o conteúdo a ser conceptualizado e a atitude do falante quanto a conceptualização/estruturação desse conteúdo poderiam ser mesclados.

A função do **agora** em enunciados metadiscursivos, presentes em 750 e em 719,

I= 719 falei bonito agora...

I= 750 EXA-... ah:: agora tu falou muito...

pode ser considerada um meio caminho entre seu uso temporal, unidades 19 (h), 119 (i) e 409 (j), abaixo, e seu emprego como operador argumentativo.

Excerto (h)

C= 10 aí ela falou assim...

11 “ah: é assim que eu gosto”...

12 pegou o copo...

13 jogou dentro do prato...

14 amassou com:: o cuscuz e nheke nheke nheke nheke...

[W= 15 pu:tis-grilo]

16 só levam:-

[W= 17 café com cuscuz//

só levantou a cabeça...

18 quando acabou de comer...

19 “**agora** eu vou trabalhar:!”

((risos))

Excerto (i)

C= 115 aí/ minha tia descobriu que no final da semana sobraram dez quilos de arroz...

116 ela estranhou/

117 “ué.. dez quilos de arroz...”

118 ué// eu gastava tanto por semana//

119 ah: **agora** eu já sei...

120 Lucinha tá trabalhando fora”/

((risos))

Excerto (j)

W= 408 você sabe quantas palavras têm no Aurélio... em português//
409 o novo que saiu **agora**//

É interessante notar a tendência de o **agora** se fixar no início da unidade à medida que amplia seu escopo, ou seja, conforme passa de advérbio de tempo, a introdutor de comentário metadiscursivo e depois a operador argumentativo. Na unidade 409 (j), por exemplo, o **agora** está depois do verbo que modifica, já em 19 (h) e 119 (i), embora o caráter temporal esteja bem marcado, tais enunciados são evidência de um apetite exagerado de um dos membros da família dos falantes C e I. Portanto, começa a ser delineada nesses dois últimos usos a função do **agora** na argumentação.

Por último, cabe ressaltar a diferença entre o emprego do **agora**, na unidade 754, em relação ao do **então** na UI 704, ambos repetidos abaixo:

I= 751 ele comunicava atropecendo no português de montão...

752 mas ele

[W= 753 mas-]

chamava com a linguagem de quê/ de não
dominação...

754 **agora** (inint.) “meus amigos nós vamos pra
greve...

755 nós vamos pra transformação social”...

I= 704 aí o cara chegava aí... **então** é isso é isso é isso é isso...

705 o Alexandre tá lá na Macedônia...

706 ele... vai invadir isso aqui... não sei o quê... e pá...pá...pá... tere...te...te... porogudum... certo//

A comparação entre as duas ocorrências reitera o caráter pontual do **agora**, que introduz uma passagem de discurso direto (suposto) de Lula, pois o falante imita seu estilo de fala, a fim de conferir mais presença ao seu argumento. No caso do **então**, há uma passagem de discurso indireto livre, porque o falante não modula sua voz, provavelmente, devido à etapa de contextualização da tese, ou seja, em razão de estar elaborando sua posição sobre o tópico do evento, o que, por sua vez, enfatiza seu escopo local de operador conclusivo.

Logo, o **agora** guia a abertura de um espaço-foco/ponto de vista, funcionando como estratégia retórica ligada ao recurso de presença, empregado na etapa de formulação de argumentos em direção à comprovação da tese, como uma extensão de seu caráter temporal,

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

o qual permite seu uso pontual, inesperado, na introdução de informações veementes no discurso. Nesse sentido, o *agora*, com seu escopo mais abrangente, figura em contextos em que o ponto de vista do falante já foi acordado na interação em curso, isto é, já integra o denominador comum (*grounding*) da arena comunicativa.

Já o *então* figura na elaboração da tese e/ou na confirmação da mesma, etapas em que o falante está ajustando a tese a ser defendida, ou resumindo o assunto abordado anteriormente, com vistas à introdução de novo posicionamento, daí seu caráter de operador local com escopo menos abrangente. Nesses termos, o *então* está ligado à abertura de espaços mentais em que o falante está construindo o denominador comum para incorporar o ponto de vista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa prossegue com questionamentos sobre a posição sintática dessas formas analisadas aqui, além de verificar o caráter dêitico e a trajetória de suas funções na língua portuguesa em termos do contínuo espaço-tempo-discurso, porque os empregos de *então* e *agora* no discurso conversacional estão ligados ao caráter temporal que ambos apresentam: a função dêitica dessas formas subjaz aos seus papéis no discurso.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDO, Sandra Pereira. *Foco e ponto de vista na conversa informal: uma abordagem sócio-cognitiva*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2002. 221 f. Tese de Doutorado em Linguística.

———. *Planos discursivos na conversa informal*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 1995. Dissertação de mestrado.

CHAFE, Wallace. Cognitive constraints on information flow. In: TOMLIN, R. *Coherence and grounding in discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1987.

———. Linking intonation units in spoken English. In: HAIMAN, J. & THOMPSON, S. (eds.) . *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1988. p. 1-27.

CLARK, Herbert H. *Using language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

CUTRER, Michelle. *Time e tense in narrative and in everyday language*. San Diego: University of California, 1994.

DINSMORE, John. *Partitioned representations*. Dordrecht: Kluwer Academic Press, 1991.

DOIZ-BIENZOBAS, Aintzane. *The preterite and the imperfect in spanish: past situation vs. past viewpoint*. San Diego: University of California, 1995.

FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

———. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

——— & SWEETSER, Eve. *Sapces, worlds and grammar*. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

GORSKI, Edair Maria. Iconicidade e topicidade no discurso narrativo. In: VOTRE, S. (org.) *Iconicidade — Funcionalismo em Linguística*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 1993. p. 16-40.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

———. *O tópico semântico-discursivo na narrativa oral e escrita*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 1994. /Tese de doutorado — copião/.

JOHNSON, Mark & LAKOFF, George. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago/London: Chicago University Press, 1980.

LAKOFF, George . *Women, fire and dangerous things*. Chicago: Chicago University Press, 1987.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar vol. I: theoretical prerequisites*. Stanford/California: Stanford University Press, 1987.

———. *Foundations of cognitive grammar vol II: Descriptive application*. Stanford/California: Stanford University Press, 1991.

MARMARIDOU, Sophia S.A.. *Pragmatic meaning and cognition*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 2000.

PUTNAM, Hilary. *Razão, verdade e história*. Tradução de António Duarte. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

SCHEGLOFF, Emanuel E. & SACKS, Harvey. Openings up closings. *Semiotica*. /s.l./, VIII, 1973. p. 289-327.

TOMASELLO, Michael. *The cultural origins of human cognition*. Cambridge: Harvard University Press.